

REVISTA



inovar

Maio/Junho 2014
8ª edição

Psicólogos a serviço da Educação trazem benefícios para alunos e famílias

Psicólogo Gilson Cardoso



COLUNA

Como ensinar as crianças de hoje?

Priscila Muff Machado Camargo



ARTIGO

Psicólogos a serviço da Educação trazem benefícios para alunos e famílias

Gilson Cardoso

ARTIGO

É possível fazer ciência nas aulas de Língua Portuguesa

Renato Guimarães Al Lage

EXPERIÊNCIA Aulas de apoio pedagógico: Novos caminhos para melhorar níveis de aprendizagem e favorecer a autoestima dos educandos - Carla Laraya

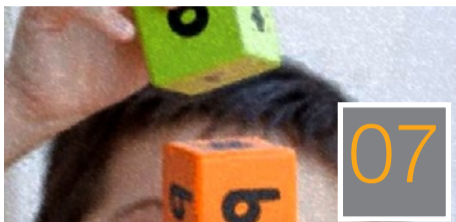
ÍNDICE



coluna

Como ensinar as crianças de hoje?

Priscila Muff Machado Camargo



experiência

Aulas de apoio pedagógico: Novos caminhos para melhorar níveis de aprendizagem e favorecer a autoestima dos educandos

Carla Laraya



artigo

Psicólogos a serviço da Educação trazem benefícios para alunos e famílias

Gilson Cardoso

13



opinião

Quem são e o que querem as juventudes

Ir. Márcio Diniz

23



galeria de arte

Trabalhos artísticos produzidos por alunos do Colégio Cristo Rei

17



artigo

É possível fazer ciência nas aulas de Língua Portuguesa

Renato Guimarães Al Lage

33



redações em destaque

Textos produzidos por alunos do Colégio Cristo Rei

21



sugestões

Livros e Filmes

Livro: As boas mulheres da China

Livro: Lolo Barnabé

editorial



PROF. DR. ÉDIO JOÃO MARIANI
Diretor Geral do Colégio Cristo Rei

Educar é missão de todos

EXPEDIENTE

Produção: Depto. de Marketing do Cristo Rei
Responsável: Alexandre de Oliveira Andrade
Jornalista: Natália Santos (Mtb. 51.793)
Design gráfico e editoração: Márcio R. Martins
Imagens: José Antônio (Zem)
Revisão: Prof. Ernaldo Francisco dos Santos
Colaboração: Equipe pedagógica do Cristo Rei
Fale conosco: marketing@crstorei.com.br

Diretor Geral: Édio João Mariani
Diretores administrativos: Ir. José Roberto de Carvalho e Ir. Elton Lopes

RESPONSÁVEIS DE SETOR

Pedagógico: Heloísa Caprioli M. Silva, Sabrina Sacoman Campos Alves, Regina Cristiane N. Campos Peres, Verediana de Rossi F. da Cunha, Lourival F. da Cunha, Mariana Spadoto de Barros, Eliane de Rossi Marconato, Luiz Célio de Oliveira, Selma Leila B. Martins e Gilson José Amancio.

Secretaria: Ivo F. Dutra
Tesouraria: Elizabeth Cristina Mazzo
Biblioteca: Andréia Juliani
Juventude Cristo Rei: Ir. Márcio Diniz
Gráfica: Ronaldo Antonio Pallota
Serviços Gerais: Edivaldo Lacerda Rocha
Tecnologia: Rogério Henrique da Silva

COLÉGIO CRISTO REI
Av. Cristo Rei, 270 - Bairro Banzato - Marília/SP -
Cep: 17.515-200
Fone: (14) 3402-2399

www.crstorei.com.br / colegio@crstorei.com.br

Conforme afirma José Manuel Moran “todos somos educadores”. Somos educadores quando contribuímos para motivar as pessoas que estão perto de nós, quando transmitimos esperança, quando ensinamos valores humanizadores, principalmente pelas nossas ações.

Reiterando as palavras do especialista em formas inovadoras de educação, o papel de educar vai além do trabalho desempenhado em sala de aula, é mais do que uma função. O ato de educar deve ser visto como uma missão. Pode ser realizado a qualquer hora, em qualquer lugar.

Porém, mesmo sendo algo tão democrático e inerente a todos nós, para educar é preciso ter coerência, referência, entre uma série de outros fatores que tornam algo simples em uma atitude sublime que pode transformar vidas.

Por isso, quem se interessa por educação está constantemente se atualizando, pesquisando, buscando métodos de se aprimorar. É neste sentido que a Revista Eletrônica Inovar apresenta sua 8ª edição. O objetivo desta publicação é compartilhar os estudos, experiências e reflexões entre nossa comunidade educativa.

Dessa forma, pretendemos contribuir para que, não apenas sejamos educadores, mas que sejamos bons educadores e possamos, citando novamente José Manuel Moran, nos construir como pessoas melhores, mais equilibradas, mais competentes profissionalmente, emocionalmente, socialmente.

“para educar é preciso ter coerência, referência, entre uma série de outros fatores que tornam algo simples em uma atitude sublime que pode transformar vidas.”



Como ensinar as crianças de hoje?

Situações cotidianas que desafiam professores e pais na atualidade

Professora, como fazemos pra ver a energia? Ela está em qual estado físico? Foi isso que um aluno de terceiro ano quis saber alguns dias após estudar os estados físicos da água. O que fazer com tais perguntas? Com certeza, as perguntas devem ser respondidas com outras perguntas que levem o aluno a pensar mais sobre o que perguntou e que o faça querer investigar, pesquisar sobre suas dúvidas e curiosidades. Professores não são detentores de todo o saber, mas têm um poder nas mãos, o poder de instigar seu aluno “a pensar sobre” e ensiná-lo a ser um pesquisador. O professor pode não saber todas as respostas e mesmo que saiba, não deve responder todas as perguntas e sim levar o aluno a buscar a resposta ou solução procurada, porque a parte mais interessante do processo de pesquisa e aprendizagem, muitas vezes, é o caminho percorrido.

A escola não é um lugar que prepara o aluno apenas para o ano seguinte. A escola é um espaço de desenvolvimento e aprendizado de competências e habilidades para a vida como um todo. Desenvolver uma competência vai além do aluno executar o que lhe foi proposto, ela desenvolve a capacidade inventiva e o aluno não é considerado um mero receptor de conhecimentos.



O aluno vai pra escola com muitos conhecimentos prévios e, partindo do que o aluno já sabe, a escola introduz os conteúdos de forma significativa. Desta forma a aprendizagem se dará de forma contextualizada.

Hoje, é possível perceber claramente que longas aulas teóricas são, para os alunos, um fardo, pois a concentração deles dura pouco tempo. Então, é necessário deixar que colo-



quem “a mão na massa”, realizando atividades, experiências, desafios e compreendendo o sentido do que está sendo ensinado e aprendido. Se a aula dá prazer, o aluno estará em alerta e envolvido. O professor é responsável por significar a aula para que o aluno perceba que o conteúdo estudado é relevante.

Um módulo novo na apostila, por exemplo, pode ser introduzido partindo da proposta de que tentem realizar as atividades antes mesmo de que se tenha realizado a leitura, a explicação ou a troca de ideias sobre o assunto. Desta forma, será possível diagnosticar o que os alunos já conhecem sobre o conteúdo e partir do que já sabem para um novo aprendizado. A realização de jogos de raciocínio, produções com roteiros, textos de autoria, trabalho em equipe e orientações que incentivem o aluno a observar, interpretar e questionar, proporcionam aulas mais interessantes e significativas.

“O perfil dos alunos de hoje é bem diferente daqueles alunos passivos de outras épocas. Atualmente, da mesma forma que as aulas devem ser mais práticas e significativas, também é necessário que exista toda uma organização, um planejamento e disciplina para que o objetivo da aula seja realmente alcançado: o aprendizado”

O perfil dos alunos de hoje é bem diferente daqueles alunos passivos de outras épocas. Atualmente, da mesma forma que as aulas devem ser mais práticas e significativas, também é necessário que exista toda uma organização, um planejamento e disciplina para que o objetivo da aula seja realmente alcançado: o aprendizado. A escola também precisa oferecer limites, regras e espaço para o desenvolvimento das capacidades de conhecer, ser, fazer e conviver. Cabe ao professor saber aproveitar o potencial de cada aluno e instrumentalizar a criança para a vida.

A disciplina deve ser compreendida como um fator que organiza a vida e pode ser desenvolvida e aprendida no espaço

escolar e no familiar.

PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA

Outra questão relevante para o bom desempenho da criança na escola é a família. A família tem um papel muito importante, pois a criança de hoje é o centro da família. Ela dá opiniões, participa de escolhas e decisões na maioria das famílias. A família deve estar atenta ao que está oferecendo para seu filho.

Os pais influenciam os filhos o tempo todo ao expressar opiniões, crenças, preconceitos, valores, a forma como enxergam a escola e o próprio trabalho. É fundamental que família e escola caminhem juntas, falem a mesma linguagem. Participar da vida escolar dos filhos, acompanhando suas tarefas, o que eles dizem sobre a escola, as aulas, a convivência com os colegas e os conteúdos que estão sendo estudados são formas de estar presente e também colaborar com o desempenho escolar do filho. Participar das reuniões, questionar e estar aberto para ouvir as orientações da escola a respeito do aluno também fazem parte deste processo.

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DE HÁBITOS DE ESTUDOS

Para a formação de bons hábitos de estudos é primordial que a família participe. Quando bem acompanhados, os filhos terão maiores condições de amadurecer, aprender e aplicar seus conhecimentos nos desafios da vida.

Alguns pais comentam que seus filhos “não obedecem”, não saem da frente da TV ou de algum jogo eletrônico e não se dedicam aos estudos como, por exemplo, fazer a própria tarefa escolar.

Os pais, como “autoridade” na família, sem autoritarismo, podem e devem ensinar a noção de tempo aos filhos como os limites de tempo para brincar, estudar, dormir, acordar, etc. Muitas vezes é necessário dar informações firmes e claras à criança: “Vou desligar a TV para você e depois que terminar sua tarefa com capricho, poderá voltar a assistir”.

Com instruções e exemplos de como aproveitar bem seu tempo, a disciplina será desenvolvida e o aluno vai aprender melhor.

Outro fator importante é o lugar em que se estuda. A criança precisa de um lugar organizado, limpo e de preferência sempre o mesmo lugar para fazer tarefas e estudar. Isso faz



coluna

com que o cérebro aprenda melhor e sem estresse.

Os pais também não precisam dominar todos os conteúdos escolares para ajudar os filhos em suas tarefas. Quando o filho tem dúvida e os pais não sabem determinado conteúdo, podem ajudar fazendo questionamentos sobre como foi a aula, mostrando interesse em saber o que ele está aprendendo e até mesmo orientá-lo em questionar o professor para pedir explicações e/ou buscar informações no próprio material.

Quando os filhos percebem que a família e a escola se importam com eles e caminham juntas o aprendizado se dará com prazer e será muito mais significativo para a vida.

Referências bibliográficas

FRAIMAN, LEO. **Como ensinar bem a criança e adolescentes de hoje: teoria e prática**. São Paulo: Editora Esfera, 2013.

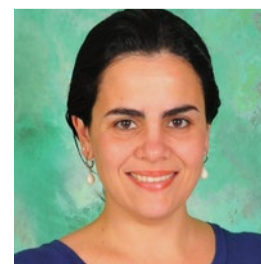
PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

SILVA, ANA BEATRIZ B. **Mentes Inquietas: TDHA: Desatenção, hiperatividade e impulsividade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ZABALA, ANTONI. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PRISCILA MUFF MACHADO CAMARGO

Professora do 3º ano do Ensino Fundamental do Colégio Cristo Rei. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Pós graduada em Psicopedagogia Clínica pela Faculdade Paulista/Fundepe Marília - SP.



experiência



Aulas de apoio pedagógico

Novos caminhos para melhorar níveis de aprendizagem e favorecer a autoestima dos educandos

Ao pensarmos nas dificuldades de aprendizagem é preciso reconhecer em primeira instância que, na complexidade da escola, os processos envolvidos são marcados por trajetórias diferenciadas, avaliadas como satisfatórias ou insatisfatórias. Nessa complexidade intertutam diferentes expectativas em relação ao domínio dos conteúdos escolares e apreensão do conhecimento.

Na perspectiva teórica de Jean Piaget, as dificuldades de aprendizagem não são explicadas pelo prisma do que falta à criança, seus limites e impossibilidades, mas por suas ações e significações, sua riqueza de construções e suas superações. Partindo desse pressuposto, as dificuldades de aprendizagem não podem ser analisadas como pertencentes ao aluno e a sua família somente.

Sendo assim, a instituição escolar deve refletir, planejar, organizar e aplicar caminhos alternativos que contribuam para que os estudantes, independente da singularidade de seus pensamentos e das distintas trajetórias de aquisição do conhecimento, tenham condições de serem sujeitos da sua aprendizagem.

Neste sentido, estão contextualizadas as aulas de apoio pedagógico que têm a perspectiva de ampliação da aprendizagem escolar. No Colégio Cristo Rei trata-se de um diferencial oferecido aos alunos do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Elas são realizadas no horário contrário de aula do aluno, duas vezes na semana com duração de 2 horas/aula por semana.

O apoio pedagógico se dá essencialmente em Língua Portuguesa e Matemática, disciplinas consideradas básicas para aprendizado de qualquer outro tema, visto que se o aluno não

aprender bem estas disciplinas não terá condições de aprender os outros conteúdos.

Entre os objetivos das aulas de apoio estão a ampliação das possibilidades de aprendizagem dos alunos e a disponibi-



lização de oportunidades para reforçar, aprofundar ou suprir carências dos conteúdos, trabalhados na sala de aula.

Transformamos as aulas de apoio pedagógico em momentos estimulantes, que exigem estratégias para resolução das diversas situações-problema. Entre os recursos utilizados lan-



experiência

çamos mão do aspecto lúdico, especialmente através da utilização dos jogos. Eles cumprem o papel de trazer descontração ao conteúdo trabalhado e relacioná-lo de forma mais palpável a situações cotidianas. Algumas exemplos são:

- Jogos da memória: divisão e tabuada;
- Jogos de alfabetização;
- Jogos de letras móveis;
- Régua numérica;
- Sudoco;
- Livros de histórias.

É relevante destacar que as aulas de apoio são um trabalho conjunto entre o professor da sala de aula e professor da sala de apoio pedagógico. Esse trabalho tem como pontos essenciais as ações descritas a seguir:

- Seleção de alunos com dificuldades de aprendizagem nas suas turmas de origem pelo professor de sala.
- Seleção de conteúdos a partir das dificuldades dos alunos nas suas turmas de origem.
- Planejamentos integrados feitos pelos professores de sala e da sala apoio pedagógico.
- Avaliações periódicas e registros dos avanços e/ou dificuldades.

Além da parceria entre os educadores, o envolvimento dos pais e responsáveis é fundamental e de suma importância para o bom andamento do trabalho.

Os resultados conquistados com essas práticas são inúmeros, porém o principal indicador da eficiência das aulas de apoio pedagógico é a melhoria dos níveis de aprendizagem dos educandos. Além disso, são nítidos os avanços na autoestima, desempenho nas atividades de resolução de problemas, desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, interpretação, atenção, etc.



CARLA LARAYA
Educadora do Ensino Fundamental I e
professora das aulas de apoio
pedagógico do Colégio Cristo Rei

artigo



Psicólogos a serviço da Educação trazem benefícios para alunos e famílias

A contribuição da Psicologia para os processos de formação, desenvolvimento e convivência no ambiente escolar

A psicologia pode ser compreendida como a ciência que investiga os processos e estados conscientes, assim como as suas origens e efeitos. Tem como atribuição o comprometimento social e o estudo dos fenômenos danosos aos seres humanos. Busca trabalhar na promoção da liberdade, da dignidade e da integridade do ser humano. Promovendo a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades, contribuindo para a eliminação de quaisquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

A Psicologia passou a usar suas técnicas para estudar e compreender os fenômenos educacionais e, assim, constitui-se a Psicologia Educacional e esta, vem a ser a área da psicologia que aborda todas as problemáticas referentes à educação e aos processos de ensino e aprendizagem nas crianças e adultos. Entendendo por educação o ato de educar, instruir, processo contínuo que permite ao indivíduo o desenvolvimento de suas faculdades físicas, intelectuais e morais. Contribuindo para a sua integração na sociedade.

Ao psicólogo educacional cabe analisar a eficácia das estratégias educacionais, desenvolver projetos educativos, bem como desenvolver as capacidades das crianças com dificuldades de aprendizagem, em instituições educativas. Estuda também o funcionamento da própria instituição enquanto organização.

Nesse sentido, o psicólogo educacional precisa integrar em sua prática outras áreas da própria

"Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana"
(Carl Gustav Jung)





artigo

psicologia: psicologia do desenvolvimento, psicologia social e psicologia organizacional, intervindo em questões de natureza mental e emocional, sempre em uma perspectiva educacional.

Para se efetivar a importância desta área na Educação, é imprescindível que o psicólogo escolar/educacional, procure ampliar as informações disponíveis a respeito do impacto deste trabalho dentro das escolas. Lembrando que conscientização e vontade política precisam andar juntas para que as mudanças propostas sejam concretizadas.

Cassins et al (2007) destacam a importância do Psicólogo Educacional atuando na Educação partindo os seus estudos de legislações como a Constituição Federal, a LDB e o ECA e conclui que a Psicologia tem uma grande contribuição a dar, uma vez que tais legislações ao definirem a abrangência da educação falam de processos de formação, desenvolvimento e convivência humana. Dissertam sobre o direito ao pleno desenvolvimento, à cidadania, qualificação para o trabalho e a importância da prevenção.

Compreendendo que o que está assegurado por tais legislações constituem objeto de estudo e de atuação da psicologia, podemos compreender que a psicologia se torna uma ciência do fenômeno educativo e os psicólogos educacionais tornam-se também educadores.

Diante destes argumentos, evidencia-se a contribuição da Psicologia para a educação com a vertente de colaborar no processo de ensino e aprendizagem, nas relações interpessoais e nos processos intrapessoais, referindo-se sempre às dimensões política, econômica, social e cultural. Desta forma, entendendo também o seu papel na elaboração de planos e políticas referentes ao Sistema Educacional, visando promover a qualidade, a valorização e a democratização do ensino.

O ano de 2008 foi considerado o ano da Educação no Sistema Conselhos de Psicologia. No decorrer daquele ano, foram realizados eventos que culminaram com o Seminário Nacional do Ano da Educação. Esse evento procurou reconhecer os pro-

fissionais atuantes na educação e suas práticas e, levantou propostas que posteriormente foram efetivadas através da Nota Técnica estabelecida pelo Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, no ano de 2010.



Esse documento tem como finalidade orientar sobre as atribuições do psicólogo no contexto escolar e educacional com o objetivo de esclarecer os psicólogos que atuam em instituições escolares e educacionais, enfatizando as contribuições da Psicologia, respaldada no compromisso social, direitos humanos e no respeito à diversidade, enquanto fundamento para efetivação de uma educação para todos e todas.

O documento do CRP/SP tem como objetivo romper com a prática de uma psicologia que patologiza, medicaliza e produz diagnósticos classificatórios. Portanto visa defender práticas que consideram a realidade escolar brasileira, em sua diversidade cultural e as dimensões psicossociais de suas comunidades. Incentivar a atuação dos psicólogos em projetos coletivos de forma interdisciplinar, fortalecendo pessoas e grupos, contribuindo para a elaboração, implementação e avaliação do projeto político pedagógico da escola e ampliar a reflexão acerca da necessidade de construir com a equipe escolar estratégias de ensino e aprendizagem que considerem os desafios da contemporaneidade.

Assim, o mesmo documento orienta que o psicólogo em sua prática nos contextos escolares e educacionais considere a realidade da escola brasileira, articulando com outros setores e movimentos; compreenda os fatores que produzem e causam sofrimento em educandos e educadores; analise o campo de relação sócio-político-pedagógico para melhoria do processo educacional; comprometa-se com as funções sociais da escola de acesso aos bens culturais e a promoção da autonomia dos indivíduos; elabore metodologias de trabalhos multidisciplinares, valorizando e potencializando a produção de saberes dos diferentes espaços educacionais; atue na direção da ampliação



artigo

da qualidade do processo educacional; compartilhe a prática e o conhecimento desenvolvido pela Psicologia, socializando saberes e ampliando as possibilidades de atuação.

Tecendo um paralelo com as atribuições definidas pelo Conselho Regional de Psicologia, compreendemos que cabe a nós psicólogos atuantes na educação, fornecer as contribuições conforme descrito por McNamara apud Sant'Ana (2010):

- Oferecer suporte aos professores de educação regular e especial por meio da coleta e busca de dados relacionados às crianças e suas dificuldades; investigar as possíveis variáveis que interferem na manutenção dos problemas, analisar condições ambientais e interpessoais; propor e desenvolver estratégias e planos de intervenção, como também avaliar resultados obtidos;
- Fornecer apoio aos programas de transição para alunos com deficiência, assessoria aos professores e administradores, colaborando com sugestões para a melhoria de currículos e programas de instrução tendo em vista a organização de conteúdos e de padrões de desempenho, bem como o favorecimento da relação escola-família pela comunicação mais próxima com a comunidade, pais e alunos;
- Ampliar seu papel de consultor e o de favorecimento do trabalho cooperativo entre professores das redes regular e especial e do modelo de ensino conjunto, no qual os dois

“podemos compreender a importância do trabalho da Psicologia e de sua contribuição para uma Educação que forma, organiza, mas que acima de tudo, está em favor de uma sociedade que não exclui, que compreenda o ser humano em suas necessidades e favoreça caminhos para que esta pessoa construa a sua autonomia, reconhecendo-se enquanto cidadão e indivíduo”



- tipos de educadores lecionam na mesma sala de aula;
- Fornecer suporte técnico como: a criação de novas formas de estruturação do processo de ensino-aprendizagem direcionando-as às necessidades dos alunos; a realização de monitoramento constante do projeto pedagógico, com apoio técnico aos participantes e à comunidade em geral; a oferta de cursos e grupos de estudo aos educadores, assim como o favorecimento de formas mais adequadas de trabalho no sentido da inclusão educacional e social dessas crianças;

Pode-se acrescentar ainda a essas contribuições:

- A articulação com os segmentos públicos, privados e organizações não governamentais, de forma a garantir maior abrangência aos atendimentos necessários visando o pleno desenvolvimento humano;
- Contribuir junto a outros profissionais que atuam na educação, promovendo e garantindo o direito e a permanência de todos e todas à educação de qualidade e que esta ocorra preferencialmente nas salas regulares de ensino;
- Acolher, orientar e encaminhar as famílias dos alunos, de forma a garantir acesso a outros serviços essenciais para o seu desenvolvimento.

A Psicologia Educacional portanto, visa à mediação e também à intervenção que oferece informações e alternativas para as diversas áreas e situações que envolvem o âmbito da



artigo

Educação, atuando na escola junto ao administrativo, com os professores, os alunos, os funcionários e a comunidade. (CASSIS ET AL, 2007)

Para finalizar, considerando a complexidade e diversidade que as novas propostas e leis que regem a Educação em todos os seus níveis e modalidades, podemos compreender a importância do trabalho da Psicologia e de sua contribuição para uma Educação que forma, organiza, mas que acima de tudo, está em favor de uma sociedade que não exclui, que compreenda o ser humano em suas necessidades e favoreça caminhos para que esta pessoa construa a sua autonomia, reconhecendo-se enquanto cidadão e indivíduo. Efetivando aqui, a citação realizada no início desta apresentação.

Referências bibliográficas

CASSIS, M. et al. **Manual de Psicologia Escolar - Educacional**. Curitiba: Gráfica e Editora Unificado, 2007. 45p.

O que é Psicologia Educacional? Documento virtual disponível em: <http://caminhandopsicologia.no.comunidades.net/index.php?pagina=1017014182>. Acesso em 03/04/2014.

Orientação Sobre as Atribuições do Psicólogo no Contexto Escolar e Educacional. Nota Técnica disponível em: http://www.crsp.org.br/portal/midia/fiqueoelho_ver.aspx?id=72. Acesso em 03/04/2014.

SANT'ANA, I. M. Contribuições da Atuação do Psicólogo Escolar na Educação Inclusiva: Concepções de Professores e Diretores. Artigo disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/vertentes/v.%2019%20n.%202/Izabella_Mendes.pdf. Acesso em 03/04/2014.



GILSON CARDOSO

Formado em Psicologia pela Unimar, com Pós Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo INDEP. Atua como Psicólogo Educacional no Centro Escola Municipal de Atendimento Educacional Especializado da Secretaria da Educação, Psicólogo do Ensino Fundamental II do Colégio Cristo Rei e atuação clínica.

Colaboração:

SABRINA ALVES DIAS
Pedagoga e Mestre em Educação Especial

TÂNIA PAULA FERNANDES CORRÊA DOS SANTOS
Psicóloga Educacional do CEMAEE - Marília

opinião



Quem são e o que querem as Juventudes?



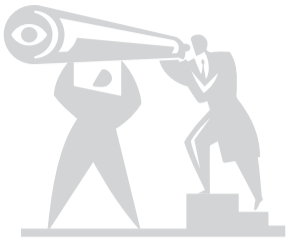
Atuação de jovens descontrói antigos conceitos e traça novas concepções para a condição juvenil

"Se somos progressistas, realmente abertos ao outro e a outra, devemos nos esforçar, com humildade, para diminuir, ao máximo a distância entre o que dizemos e o que fazemos."
(Paulo Freire)

Lourival Rodrigues da Silva destaca que

O conceito "juventude/s" pode ser entendido como uma categoria que está em permanente construção social e histórica, por levar em consideração as dimensões biológicas, sociais, psíquicas, culturais, políticas e econômicas. O que se constituem em múltiplas maneiras de viver a condição juvenil. Deste modo é possível dirigir um olhar sobre a juventude que contemple a sua diversidade. Pois, a agregação por idade não traduz as identificações possíveis que a situação cotidiana revela.

a delimitação da idade é uma referência, mas não é o único elemento a ser considerado. Precisamos, contudo, de um parâmetro. É necessário ter presente que a diversidade dos/as jovens se manifesta de maneira variada, por exemplo, nas cidades e no campo. Essa diversidade está atravessada pelas questões da raça, da etnia, da cultura, do gênero, do rendimento familiar, do local de moradia (centro, periferia, cidade grande, pequena, campo...) e do acesso aos bens e serviços. (2001, p. 59).



opinião

Novaes (2009), Sposito & Carrano (2003), Castro & Abramovay (2003, 2009) e Abramo (2005), empregam a expressão “juventudes” como forma de enfatizar que, ao se tratar de jovens, deve-se reconhecer uma realidade plural e multifacetada.

Para Bourdieu (1983) há uma complexidade nas relações entre a idade social e biológica, neste sentido, deve-se buscar definir esse público não somente pela questão do corpo e sim por critérios de idade que viabilizem políticas públicas para estes.

Em contraponto outros/as autores/as definem a juventude como passagem transitória da adolescência para a fase adulta, como destaca Krauskopf (2003) em quatro categorias: a juventude como período preparatório; a juventude como etapa problemática; o jovem como ator estratégico do desenvolvimento e de uma forma mais integral e protagonista a juventude cidadã, como sujeita de direitos.

“há uma complexidade nas relações entre a idade social e biológica, neste sentido, deve-se buscar definir esse público não somente pela questão do corpo e sim por critérios de idade que viabilizem políticas públicas para estes.”

Abramo refere-se à primeira categoria sistematizada por Krauskopf, afirmando que

a noção de condição juvenil remete, em primeiro lugar, a uma etapa do ciclo de vida, de ligação (transição, diz a noção clássica) entre a infância, tempo da primeira fase de desenvolvimento corporal (física, emocional, intelectual) e da primeira socialização, de quase total dependência e necessidade de produção, para a idade adulta, em tese a do ápice do desenvolvimento e de plena cidadania, que diz respeito, principalmente, a se tornar capaz de exercer as dimensões de produção (sustentar a si próprio e a outros),

reprodução (gerar e cuidar dos filhos) e participação (nas decisões, deveres e direitos que regulam a sociedade). (2005, p.40-41).

Neste sentido a juventude é a transição de acesso à vida adulta, por meio do trabalho e/ou produção, viabilizando o conceito de que ele/a (o/a jovem) é um ser em preparação, onde o adulto é visto como o que viabilizará esse processo, ou seja, o “educador/a”, que normatiza esse mecanismo favorecendo a este/a, ferramentas adequadas para seu desenvolvimento. O olhar para o/a jovem é feito unicamente pelo viés do trabalho e estudo (ABRAMO, 1994), fragmentando a realidade juvenil somente a essas duas necessidades, retirando os acessos culturais e artísticos, ou melhor, o lazer do contexto juvenil.

Em se tratando do segundo viés o/a jovem é visto como etapa problemática “o sujeito aparece a partir dos problemas que ameaçam a ordem social ou desde o déficit nas manifestações de seu desenvolvimento” (ABRAMO, 2005, p. 20), há uma ênfase no “jovem problema”, que transgride as normas pré-estabelecidas.

Para Abramo (2005, p. 21), “no Brasil, este foi o enfoque que praticamente dominou as ações dos anos 80 aos 90; foi uma das principais matrizes por onde o tema da juventude, principalmente a ‘emergente’ juventude dos setores populares”, causando um estigma social na vida dos/as jovens onde estes/as, sofreram brutalmente a perda de seus direitos sociais, sendo visto de forma generalizante, causando em muitos adultos uma aversão a seus projetos e sonhos.

Verifica-se na terceira categoria o/a jovem como ator/atriz estratégico do desenvolvimento, visando destacá-lo/a como mecanismo de enfrentamento ao sistema social mundial, ou seja, há um avanço nesse entendimento de juventude, como pontua Abramo:

Esta concepção avança no reconhecimento dos jovens como atores dinâmicos da sociedade e com potencialidades para responder aos desafios colocados pelas inovações tecnológicas e transformações produtivas. Traz assim a possibilidade de incorporar os jovens em situação de exclusão não pela ótica do risco e da vulnerabilidade, mas numa perspectiva incluyente. (2005, p. 21).



opinião



Há nessa perspectiva um diálogo muito superficial no modo de perceber o contexto social que os/as jovens são protagonistas e como estes espaços/modelos de fato favorecem que eles/as sejam atores/atrizes com papéis específicos de transformações.

Visando respaldar esses direitos há uma ênfase emancipadora na quarta categoria destacada por Krauskopf, que é a juventude cidadã como sujeita das políticas; como afirma o termo, os/as jovens são entendidos como canais ímpares para a efetivação de direitos sociais, retirando o rótulo como etapa “transitória” ou “problema”.

Essa concepção olha o/a jovem como sujeito autônomo que guarda em sua realidade cultural um arcabouço de conhecimentos e realidades. E é por meio dessa realidade que se verifica uma ação política juvenil na atualidade, respaldado por iniciativas, ações e espaços que os/as garantam como sujeitos de direitos.

Das megalópoles às pequenas cidades, os/as jovens saíram às ruas “gritando palavras de ordem, de uma nova ordem”. Ordem esta que pode ser entendida pela necessidade da efetivação de Políticas Públicas de Juventude (PPJs) para si e inúmeras minorias sociais, que têm seus direitos cerceados cotidianamente.

As manifestações juvenis por direitos sociais mostram-se contrárias aos discursos acerca da passividade dos/as jovens; por meio dessa mobilização verificou-se que eles/as querem ter seus direitos efetivados; direitos estes destacados na Carta Magna. Estando cansados/as de verem seus pares sendo vitimados/as nas ruas das cidades e campos por falta de emprego, educação, cultura, lazer, esporte, ou seja, cidadania.

Não se pode acreditar que somente sair às ruas basta para romper a estrutura histórica de dominação das majorias sob os/as minorizados/as. Deve-se pensar em ações políticas que garantam os direitos juvenis, frente a essas realidades destaca-se desde os anos 2000 uma reflexão importante entre Governo e Movimentos Sociais acerca da garantia de direitos aos/as jovens por meio das Políticas Públicas de Juventude,

que resguardam as demandas de uma parcela significativa dessa população, sobretudo os/as jovens em vulnerabilidade social e risco pessoal.

Neste processo em 2005, foi sancionada pelo Presidente a lei 11.129 que criou a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), organismo do Governo Federal responsável por promover a integração de todas as ações que tem como foco o público juvenil, tornando-se a principal referência governamental no que diz respeito à juventude, tanto na interlocução com a sociedade civil (movimentos, ONGs, grupos juvenis etc.) como no trabalho conjunto entre os Ministérios e Secretarias, visando à criação de mais programas e ações.

Nesta conjuntura os/as jovens vêm ocupando este espaço de forma efetiva, desconstruindo o olhar da juventude meramente como fase transitória. São jovens que produzem, constroem, vivem, relacionam-se; onde se encontram questões sociais específicas e por isso, necessitados/as de políticas públicas que garantam essas demandas.

Frente à mudança do entendimento das categorias juvenis e de toda a garantia de direitos que estes/as vêm adquirindo, é necessário efetivar uma ação educativa que colaborem de fato a serem autônomos/as e problematizadores/as de suas realidades sociais, transformando-as.



opinião

Embasados/as por ações cidadãs, almeja-se que os/as jovens sejam sujeitos de direitos; emancipados/as e emancipadores/as. Que por meio da identificação do lócus social que os/as cercam, os/as jovens possam ser ainda mais críticos, criativos e cuidantes.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. Cenas Juvenis - punks e Darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo/ Instituto da Cidadania, 2005.

_____. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS de, Maria Virgínia (orgs.). **Juventude e Adolescência no Brasil: referenciais conceituais**. São Paulo: Ação educativa, 2005.

BOFF, Leonardo. Críticos, criativos e cuidantes, 2005. Disponível em: <http://www.leonardoboff.com/site/vista/2004/abril23.htm>. Acesso em: 06 abril 2014.

BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Quebrando mitos: juventude, participação e políticas. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude**; resumo executivo. Brasília: RITLA, 2009.

KRAUSKOPF. Políticas de juventude em centroamerica, Primeira Década, 2003, pags 8 -25.

NOVAES, Regina Reys. Política de Juventude no Brasil: continuidades e rupturas. In: FÁVERO, Osmar. **Juventude e Contemporaneidade**, Brasília: RITLA, 2009.

SPOSITO, Marília Ponte & CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventude e Políticas públicas**. Revista Brasileira de Educação, n. 2, set./dez. 2003.



IR. MÁRCIO DINIZ FERREIRA SC
Integrante da equipe técnica da Juventude Cristo Rei.

artigo



Por que ensinar gramática na escola?

É possível fazer ciência nas aulas de Língua Portuguesa

O assunto é polêmico e tem sido questionado entre linguistas e vários estudiosos da área de letras. Por que se ensina a gramática na escola? A bibliografia é extensa e em grande parte dela o enfoque no trabalho com a gramática normativa é visto como o principal causador do insucesso dos alunos dos Ensinos Fundamental e Médio quando se trata da competência comunicativa, ou seja, os educandos, muitas vezes, não se expressam de forma satisfatória através da escrita e da oralidade; por consequência, se desinteressam da leitura e das aulas de Língua Portuguesa. O que fazer então? Abolir as noções de gramática das aulas de língua materna?

Inicialmente, é importante ressaltar a diferença básica entre “língua” e “gramática”, já que, muitas vezes, ambos os conceitos são confundidos. De acordo com Ernani Terra (2008, p. 22), a língua é um aspecto da linguagem que utiliza a palavra (o verbo) para a comunicação; é um sistema de natureza gramatical pertencente aos indivíduos, formado por um sistema de sinais e regras - a gramática em um sentido mais amplo. Ele ainda afirma que é uma instituição social abstrata, ou seja, que é exterior aos indivíduos e que se concretiza através da fala, um ato particular do ser humano. Contudo, a gramática, para Irandé Antunes (2007, p.41), limita-se a uma parte da língua e tem a função regularizadora, ou seja, de impor limites, porém não consegue regular tudo.

Toda pessoa escolarizada quando questionada “sobre o que é gramática?” dispõe de um conceito básico: trata-se das regras de uma língua. Tal definição não é errada, porém precisa ser ampliada. A gramática regula a língua, no entanto há outros tipos de gramáticas que devem ser compreendidos para que o leitor possa entender melhor a problemática: a internali-



zada; a normativa; a gramática a partir de uma perspectiva de estudo – “descritiva”, “gerativa”, “funcional” e “textual”; como disciplina escolar e como um livro.

Antunes (2007, p.25-34) explica esses conceitos de forma clara. A “gramática internalizada” é aquela que corresponde ao saber intuitivo do falante, envolve todos os usos da língua, isto é, em diversos níveis - do informal para o formal - e em todas situações sócio-comunicativas; como o próprio autor declara, “nada na língua, em nenhuma língua, escapa a essa gramática” (2007, p. 26). A partir dos três anos de idade, crianças são capazes de se comunicar por estruturas linguísticas complexas, por exemplo, ao optar pela variação “minhas colegas” ou “meus colegas”, uma criança demonstra ter conhecimento da variação de gênero. Não se pode pensar, ingenuamente, que apenas a norma culta, a do bem falar, segue uma gramática,



artigo

pois todas as variantes comunicativas seguem uma gramática, em qualquer condição de uso. Em síntese, pode-se dizer que esta gramática é aprendida naturalmente, desde muito cedo, ou seja, ela vai sendo incorporada pela criança, de forma intuitiva, através do uso, das atividades sociais, do convívio com a família. A escola virá posteriormente para ampliar esse conhecimento, portanto, ele não deve ser menosprezado.

A segunda concepção vê a gramática como um conjunto de normas que regulam o uso da língua, ela não considera toda a realidade comunicativa, apenas aquela considerada aceitável através da ótica da língua prestigiada socialmente. Aqui o importante é o domínio das regras: do que é certo e do que é errado, do que deve e não ser dito. Tais prescrições não são feitas por razões puramente linguísticas, mas por motivos históricos, sociais e econômicos. Logo, é importante questionar-se do porquê das variantes das classes sociais menos favorecidas não serem consideradas padrão na língua. Predomina-se o estudo da língua na forma escrita, não na falada.

A gramática como uma perspectiva de estudo indica uma maneira de estudo e/ou um método de investigação sobre a língua. Surgiram assim, durante os estudos sobre a linguagem, diversas perspectivas sobre a mesma (Terra, 2008, p.79-80):

- a) A Gramática descritiva não prescreve regras do que é certo ou errado, e sim verifica as uniformidades e diferenças presentes na língua em decorrência de seu uso;
- b) A Gramática gerativa, criada pelo linguista norte-americano Chomsky na década de 1950, procura explicar os fatos linguísticos como são produzidos, com o objetivo de se estabelecer um modelo geral, baseado em princípios universais, dos quais derivam as gramáticas de cada língua em particular;
- c) A Gramática funcional trabalha com a interpretação satisfatória dos signos linguísticos, que não são analisados apenas como codificação e descodificação;
- d) A gramática textual tem como objeto de estudo o texto, com o fim de explicitar regras para que o falante produza bons textos.

“Não se pode pensar, ingenuamente, que apenas a norma culta, a do bem falar, segue uma gramática, pois todas as variantes comunicativas seguem uma gramática, em qualquer condição de uso. Em síntese, pode-se dizer que esta gramática é aprendida naturalmente, desde muito cedo, ou seja, ela vai sendo incorporada pela criança, de forma intuitiva, através do uso”

A concepção de gramática como disciplina escolar reduz todos esses conceitos, traz para a sala de aula uma visão em que a gramática normativa corresponde à língua. A partir daí tem-se um problema, pois todas as variantes são excluídas e separa-se a produção textual, a leitura e a gramática, como se as três “frentes” da disciplina de língua portuguesa fossem independentes, mas não são. Mostra-se para o aluno o certo e o errado, não há espaço para as diversas situações interativas de comunicação.

A última concepção de gramática, a de um livro: que pode ser mais prescritiva e/ou descritiva. Focaliza-se nas estruturas da língua e as hipóteses do que é considerado padrão e correto, ela tem a função de prescrever uma forma única e correta de comunicação. Um livro de gramática também pode ser descritivo, exibindo as estruturas da língua, de forma descontextualizada, sem o enfoque nas situações reais de comunicação. Desse modo, é privilegiada a modalidade escrita, principalmente as expressões da literatura e da imprensa.

Qual a relação desses conceitos à rotina escolar? Como já foi mencionado neste artigo, a partir do momento em que a escola e /ou professor consideram a gramática normativa como a única variante possível, excluem-se todas as possibilidades de leitura e análise da língua, com isso, o intuito da ampliação do conhecimento linguístico do aluno. Não se pode esquecer que ele tem uma gramática internalizada, desenvolvida ao longo dos anos, e que a gramática que ele aprenderá, ou pelo menos



artigo

conhecerá no ambiente escolar representa a estrutura de uma das variantes da língua.

Para Antunes (2007, p. 41), a comunicação eficaz não está relacionada ao domínio das regras de uma língua, às diferenças das classes gramaticais e suas combinações possíveis. Há outras habilidades que devem ser desenvolvidas, “tudo isso é necessário, mas não suficiente” (Ibid, p. 41). O autor ainda completa, salientando que, em muitos dos casos, quando se ensina gramática, nas aulas de Língua Portuguesa, esta não parece ter em nada a ver com a linguagem do dia a dia, com a língua que nos pertence, ou seja, é muito distante da língua utilizada pelos jovens tanto na fala, como nas redes sociais.

O que se deve fazer então? A gramática deve ser extinguida da escola e as aulas de Língua Portuguesa devem abordar apenas a leitura e a escrita? Provavelmente não. O grande problema está no enfoque e na importância que ela recebe. Muitos professores de Língua Portuguesa já notaram quantos dos seus alunos são bons leitores, produzem boas redações, mas têm péssimo desempenho nas avaliações de gramática, ou o oposto: são excelentes em provas que envolvem a norma e péssimos em questões interpretativas. Obviamente, há aqueles alunos que possuem mais facilidade com a linguagem e apresentam desempenho satisfatório em gramática, leitura e escrita. E o que isso quer dizer? Que da forma como os alunos estudam a gramática, estrutural e desconexa, em pouco ou quase nada ela ajuda os alunos no desenvolvimento da competência linguística.

Cabe ao professor, independente do material com que trabalhe – livro, apostila ou tecnologias - saber como aproximar os conteúdos à língua utilizada pelo aluno, mostrar em que situações aquela variante (a formal) é exigida, quando ele poderá utilizá-la e ainda, não descartar as variações de gênero, sociais, regionais, etárias que podem tanto enriquecer a aula e torná-la muito mais próxima da realidade do aluno. Escrever “Ow, vc ta ai?!” não é considerado correto em uma situação formal, muito menos na escola, mas mostrar aos alunos que na internet isso é possível, todavia em um processo seletivo para uma vaga no mercado de trabalho ou em uma redação para vestibular e concurso público seria causa de desclassificação.

Outro motivo que justifica o desinteresse das crianças e adolescentes às aulas de Língua Portuguesa e às demais disciplinas refere-se à realidade que os cercam: são vários jogos,



aplicativos, redes sociais, vídeo games e isso faz com que eles tenham acesso a todo e qualquer tipo de entretenimento e informação instantaneamente, e é claro que fica muito difícil competir com o mundo digital quando se tem um capítulo de conjugação verbal para se trabalhar em sala, por exemplo.

Assim como os outros estudiosos, Luiz Carlos Travaglia (2003), afirma que o ensino de língua materna pode alcan-

“Cabe ao professor, independente do material com que trabalhe – livro, apostila ou tecnologias - saber como aproximar os conteúdos à língua utilizada pelo aluno, mostrar em que situações aquela variante (a formal) é exigida, quando ele poderá utilizá-la e ainda, não descartar as variações de gênero, sociais, regionais, etárias que podem tanto enriquecer a aula e torná-la muito mais próxima da realidade do aluno”



artigo

çar dois objetivos: ensinar a língua, através da formação de usuários competentes da língua e que tenham competência comunicativa. O que isso significa? Que cada pessoa saiba usar a língua de acordo com a situação de interação comunicativa, a fim de obter os efeitos desejados. O outro objetivo relaciona-se ao ensino sobre a língua, ou seja, a sistematização da mesma: em que os alunos têm conhecimento da língua e podem ser analistas dela; e é aí que entra a gramática.

Para Travaglia (2003), trabalhar gramática com os alunos pode:

1. Oferecer informação cultural: conhecimentos teóricos sobre a língua, como as classes de palavras e as funções sintáticas não têm aplicação imediata para a maioria das profissões, porém a nossa sociedade valoriza certa dose de conhecimentos teórico-científicos que nem sempre são aplicáveis, visto as áreas de física, química, biologia, artes, história...
2. Instrumentalizar com recursos para situações práticas: como o conhecimento do alfabeto que é indispensável para se fazer uma listagem ou procurar palavras em um dicionário; o conhecimento das flexões verbais: "danço, dançava, dançarei" e suas variações semânticas quanto ao tempo; a possibilidade de utilizar o conhecimento sobre a língua para ensinar a própria língua: quando um professor cita "este verbo", "a vírgula", "o sujeito", ou seja, a temida nomenclatura.
3. Desenvolver o raciocínio, a capacidade de pensar, ensinar a fazer ciência: como a matemática e a biologia, por exemplo, quando se estuda a língua e os fenômenos gramaticais, está se fazendo ciência. Com o ensino da gramática é possível fazer com que o aluno perceba as irregularidades da língua e das próprias regras prescritas pela norma. É desenvolvida então, a capacidade de observar, formular hipóteses, buscar comprovação ou falsificação. A aula de gramática pode propiciar ao educando um momento de estudo e de pesquisa, dando-lhe um caráter de independência intelectual. É possível desenvolver a percepção de que a verdade sobre os mundos natural ou social não estão prontas nos livros, e cabe, portanto a ele (o aluno) como ser participante do processo de aprendizagem, criar hipóteses, críticas e aceitar ou refutar as novas descobertas.

As aulas de Língua Portuguesa têm todos os ingredientes possíveis para tornarem-se mais atrativas aos jovens – é a língua materna deles, todo e qualquer tipo de texto pode ser trabalhado em sala de aula, por exemplo. É fundamental que o docente tenha consigo os conceitos de língua e gramática muito bem elaborados e principalmente, que o professor amplie a visão de mundo do aluno. Torná-lo participativo no processo de aprendizagem, como o protagonista das ações comunicativas pode ser uma alternativa, especialmente quando ele está envolvido com o fazer ciência.

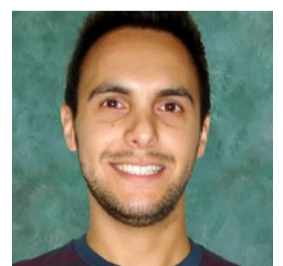
Referências bibliográficas

Travaglia, Luiz Carlos. **Gramática: ensino plural**. Cortez Editora, 2003.

Antunes, Irandé. **Muito Além da Gramática**. São Paulo: Parábola, 2007.

Terra, Ernani. **Linguagem, língua e fala / Ernani Terra**. São Paulo: Scipione, 2008. (Coleção Percursos)

RENATO GUIMARÃES AL LAGE
Professor de Gramática do 8º ano
do Colégio Cristo Rei.
Graduado em Letras pela
Universidade Estadual de
Londrina (UEL)



resenhas

e sugestões



As boas mulheres da China

Recentemente comemoramos o mês das mulheres, das mães. Por isso, minha sugestão de leitura leva a reflexão sobre o papel feminino na sociedade.

É realmente impressionante que, em pleno século XXI, as mulheres ainda tenham uma condição tão ínfima, somente por serem do sexo feminino. Algumas mulheres, em diferentes regiões do mundo, vivem situações inaceitáveis. Nenhuma tradição, costume ou religião justifica que uma mulher seja maltratada, abusada, assassinada. Nada justifica serem traficadas, subjugadas, mutiladas, humilhadas, privadas dos direitos básicos do ser humano.

É justamente esse contexto que a chinesa Xinran, jornalista, professora na School of Oriental and African Studies – Universidade de Londres, e ex-apresentadora de programas de rádio em Nanquim, apresenta em seu livro “As boas mulheres da China”, que, originalmente, se traduz “As corajosas mulheres da China”.

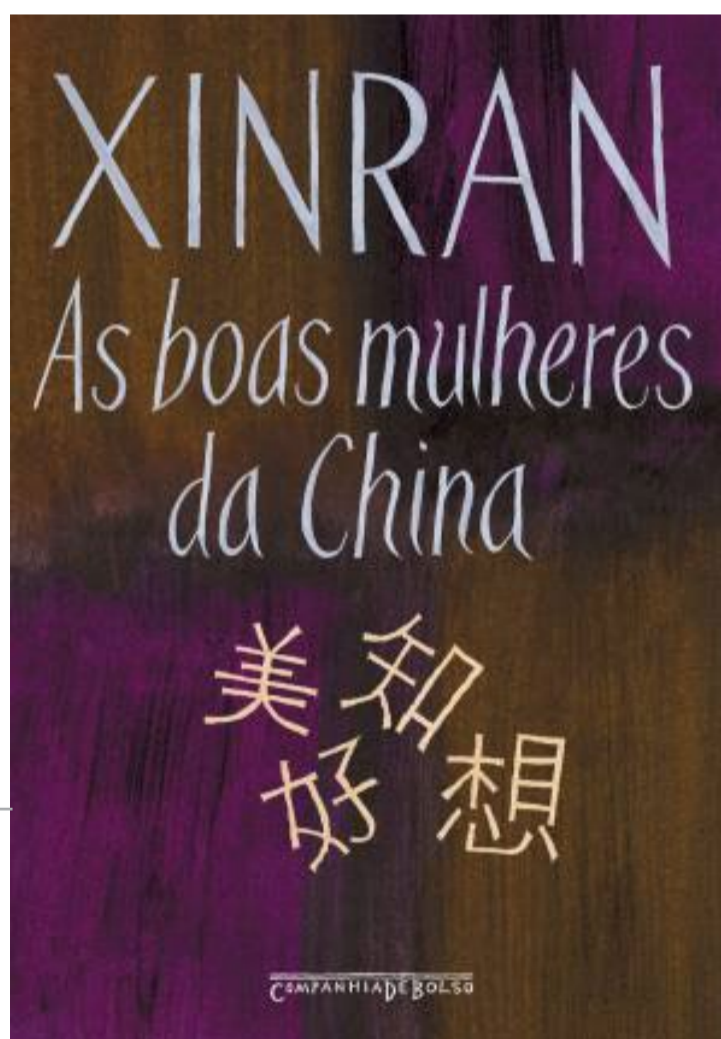
O livro nasceu do interesse da autora em conhecer a situação social, política e emocional das mulheres de seu país. A popularidade de Xinran, devido ao programa de rádio “Palavras na Brisa Noturna”, permitiu o acesso a confissões de mães, esposas, amantes e filhas, exemplos de força e determinação para superar traumas diversos.

De forma cautelosa, paciente e sensível, a autora se propôs a discutir problemas femininos sobre os quais poucas ousaram ou eram permitidas falar. São relatos de abandono, miséria, discriminação, casamentos forçados, abusos, incestos, enfim, humilhações atrozes. Xinran consegue fazer com que as mulheres silenciadas por séculos de opressão, revelem seus medos, provações e como conseguiram se reerguer do caos moral e físico com força extraordinária de resistência e esperança.

Todos os relatos, sem exceção, são lamentavelmente tristes, o que nos faz refletir sobre o distinto comportamento e tratamento entre homens e mulheres e as agruras e terríveis atrocidades contra essas durante toda a vida.

Apesar de um texto intenso, a obra possui uma linguagem simples, é extremamente rica, e o discurso fluente envolve o leitor aumentando o impacto do texto.

Um livro sensível, tocante e reflexivo sobre como o universo dos relacionamentos pode ser complexo e moldado pelas mudanças políticas e culturais de onde vivemos e que, infelizmente, se conserva presente condenando boas mulheres do mundo todo.



Ficha Técnica

Título: As Boas Mulheres da China

Autor: Xinran

Tradução: Manoel Paulo Ferreira

Editora: Companhia das Letras

Edição: 1

Ano: 2003

Idioma: Português

Especificações: Brochura | 288 páginas



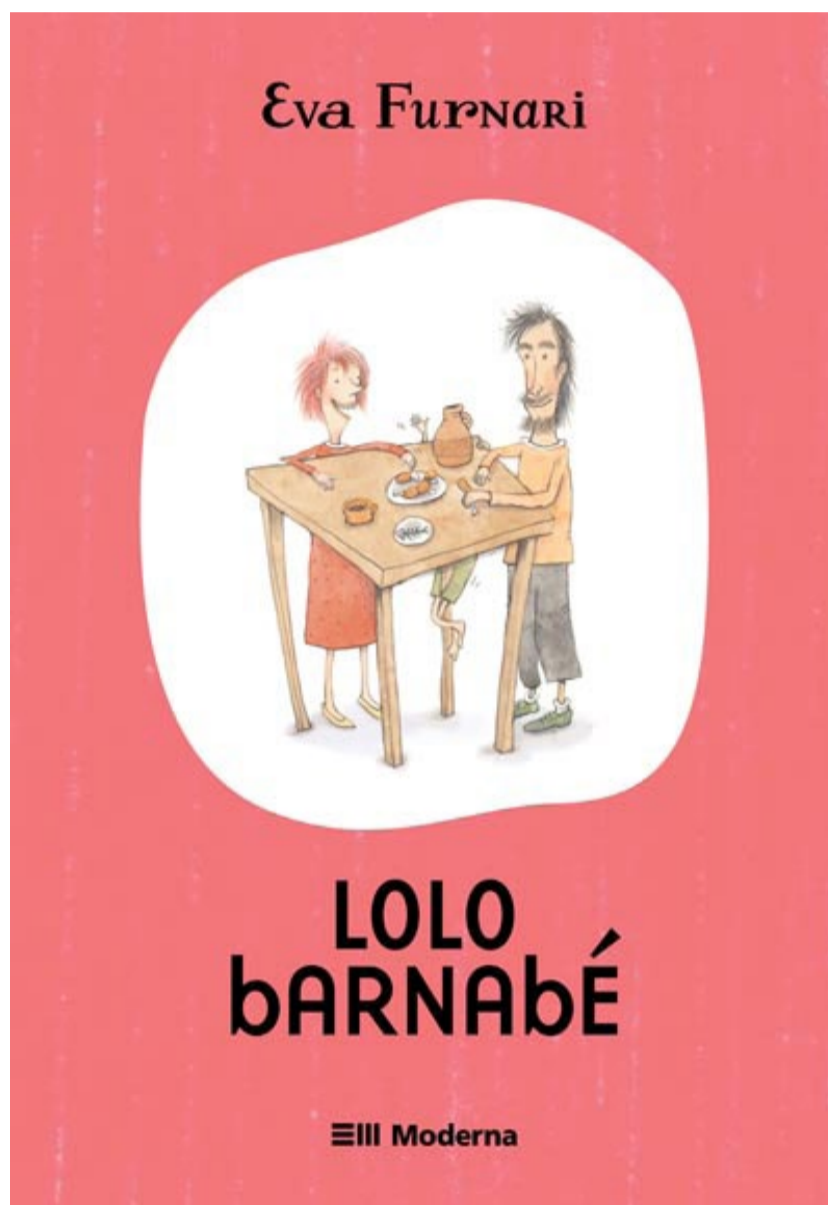
resenhas e sugestões

Lolo Barnabé

Lolo Barnabé é uma narrativa realista com linguagem simples e bem humorada, uma lição sobre a insatisfação humana e a constante busca da felicidade pautada no consumismo.

A história se desenrola no tempo das cavernas. É representada por Barnabé e sua família, com suas questões, conflitos e soluções. Descreve a incessante procura por melhores condições de sobrevivência, culminando em uma crise familiar e, conseqüentemente em uma inversão de valores e prioridades. Dessa maneira, Lolo é levado a refletir sobre a felicidade que sentia quando desfrutava da simplicidade e das sutilezas proporcionadas pela vida primitiva na caverna.

A história da escritora Eva Furnari é uma crítica sobre a vida contemporânea, em que o homem vive e sofre a insatisfação quase crônica que o motiva a sair de casa todos os dias para trabalhar e consumir cada vez mais com a pretensa e frustrada crença de que tais artifícios trarão a satisfação e a felicidade que procura.



Ficha Técnica

Título: Lolo Barbabé
Autor: Eva Furnari
Editora: Moderna
Edição: 2
Ano: 2010
Idioma: Português
Especificações: Brochura | 32 páginas

ANDRÉIA JULIANI
Bibliotecária do Colégio Cristo Rei
CRB - 8/8923



galeria de artes



Leitura de Imagem

Da mesma forma que podemos ter diversas interpretações de uma obra de Arte, podemos também fazer diversas releituras dessa obra.

No nosso dia a dia estamos cercados de imagens que comunicam e informam, mas precisamos saber decifrá-las, interpretá-las ou lê-las. Desta forma, é extremamente importante trabalhar esta questão dentro da sala de aula.

Em uma análise formal o aluno faz a leitura dos elementos visuais e de sua composição, já no método menos formal faz-se uma leitura estética, considerando a expressividade da obra, do autor e de uma época.

A obra escolhida para trabalhar o tema com os 6º anos do Colégio Cristo Rei foi Guernica de Picasso de 1937. A pintura que mede 3,49m x 7,76m retrata a cidade basca de Guernica após o bombardeio durante a Guerra Civil Espanhola. O belíssimo trabalho do artista incorpora a desumanidade, a brutalidade e desesperança.

Após a leitura da imagem e de levar o aluno a perceber pequenos detalhes, trabalhei com a oralidade. Assim como há diferentes interpretações de imagem, há também diferentes possibilidades de releituras, mas para se fazer uma boa releitura é preciso uma boa interpretação na leitura.

Antes da releitura de Guernica os alunos trabalharam com o tema "A alegria e a tristeza na Arte" e conheceram as fases rosa e azul de Picasso. De forma a valorizar as produções dos alunos foram selecionados quatro trabalhos, sendo duas releituras produzidas com tema alegre e outras duas com o tema triste.

Na releitura da aluna Camila Suemi Onishi Hirohara, do 6º A, ela faz a interpretação de uma cena triste que se transforma, pela sua criatividade, em uma festa, onde ela trabalha os



personagens com expressões alegres e cores vivas. A mão que segura a flor, único símbolo de esperança na pintura de Picasso, permanece na cena junto com uma bexiga que substitui a espada quebrada. Camila utiliza em sua composição o desenho e a colagem como forma de expressão, sendo a colagem uma peça de brinquedo que conversa muito bem com o tema e com a releitura criada.



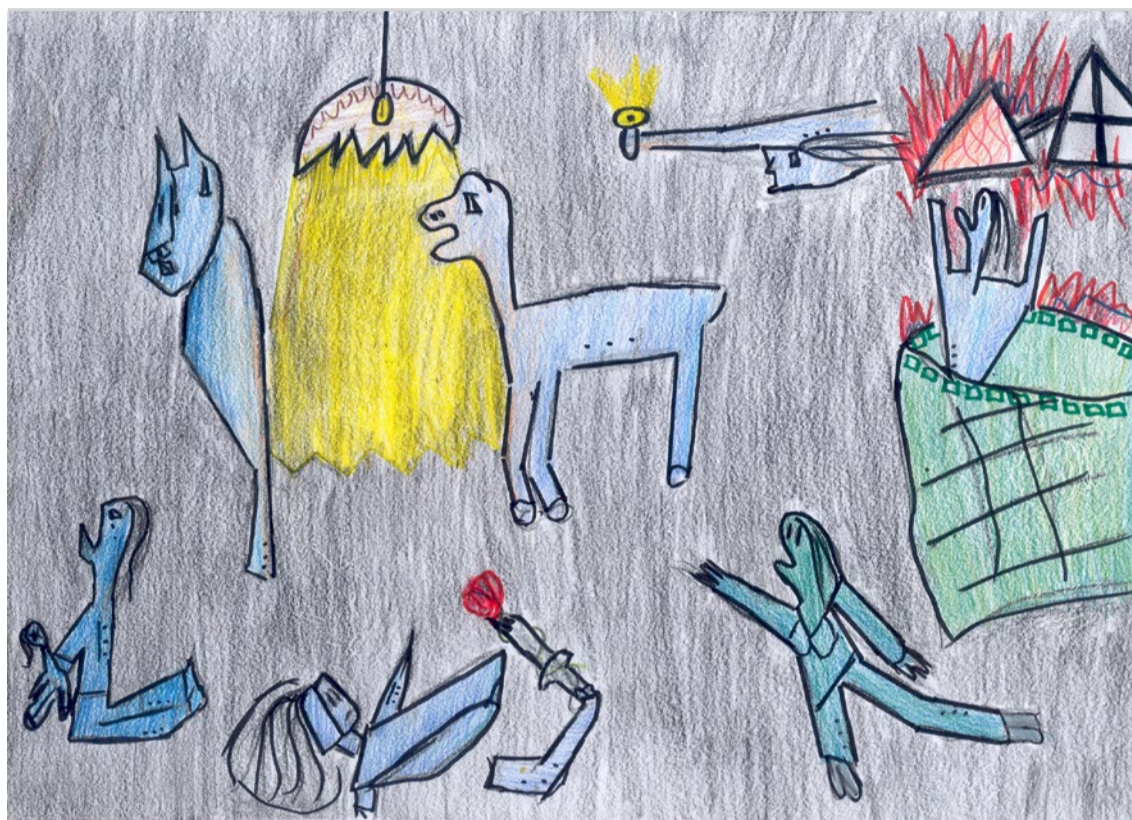
galeria de artes



Na releitura de Juliana de Oliveira Rabelo, do 6º C, ela também trabalha com a alegria, criando algo novo, mas mantendo um elo com a fonte que serviu de inspiração. Juliana utiliza o desenho como forma de expressão, trabalhando com figuras mais realistas e não cubistas, como as representadas por Picasso em Guernica. No lugar da imagem central e dominante do cavalo, que na pintura de Picasso representa de forma subliminar a morte, Juliana desenha um unicórnio, ser mitológico e símbolo de pureza e virgindade dos jovens.



galeria de artes



Na releitura da aluna Eduarda Rodrigues Sproesser, do 6º C, ela trabalha, como em Guernica, com o tema triste. A aluna cria uma releitura com uma bela composição, utilizando cores quentes e frias e personagens que possuem um estilo próprio. Eduarda destaca alguns elementos importantes com cores quentes, como a luz da lâmpada, que em Guernica simboliza um ambiente impiedoso de uma sala de torturas em tempos de guerra, e como a rosa que representa a esperança. Este destaque torna seu trabalho ainda mais rico esteticamente.



galeria de artes



O trabalho do Gabriel Medeiros Primo, do 6ºA, traz uma releitura bem atual para nosso país, ele representa as manifestações contra a copa do mundo de 2014. Gabriel deixa o cavalo ainda em destaque, substituindo o guerreiro morto por um policial, que ao invés de segurar uma espada perde sua arma de fogo. A mulher presa em um edifício em chamas é substituída por um homem, mas que permanece em destaque e com um apelo emocional direto atraindo o espectador para a sua dor e seu espanto. A mãe, que na obra de Picasso, segura seu bebê morto nos braços é representada por uma outra mulher, mas que na releitura se encontra próxima a um ônibus em chamas e com sua criança morta no chão. Uma releitura bem contextualizada, com uma bela interpretação de nossa realidade.



PROFª. VANESSA DOS SANTOS RODRIGUES NAVARRO
Professora de Artes do Colégio Cristo Rei



galeria de artes

O Desenho e a Forma

O tema de estudo para os 7º anos no primeiro bimestre foi “O Desenho e a Forma”. Os alunos conheceram um pouco de perspectiva e luz e sombra e trabalharam com criações, aplicando inicialmente apenas linhas retas e depois somente linhas curvas.

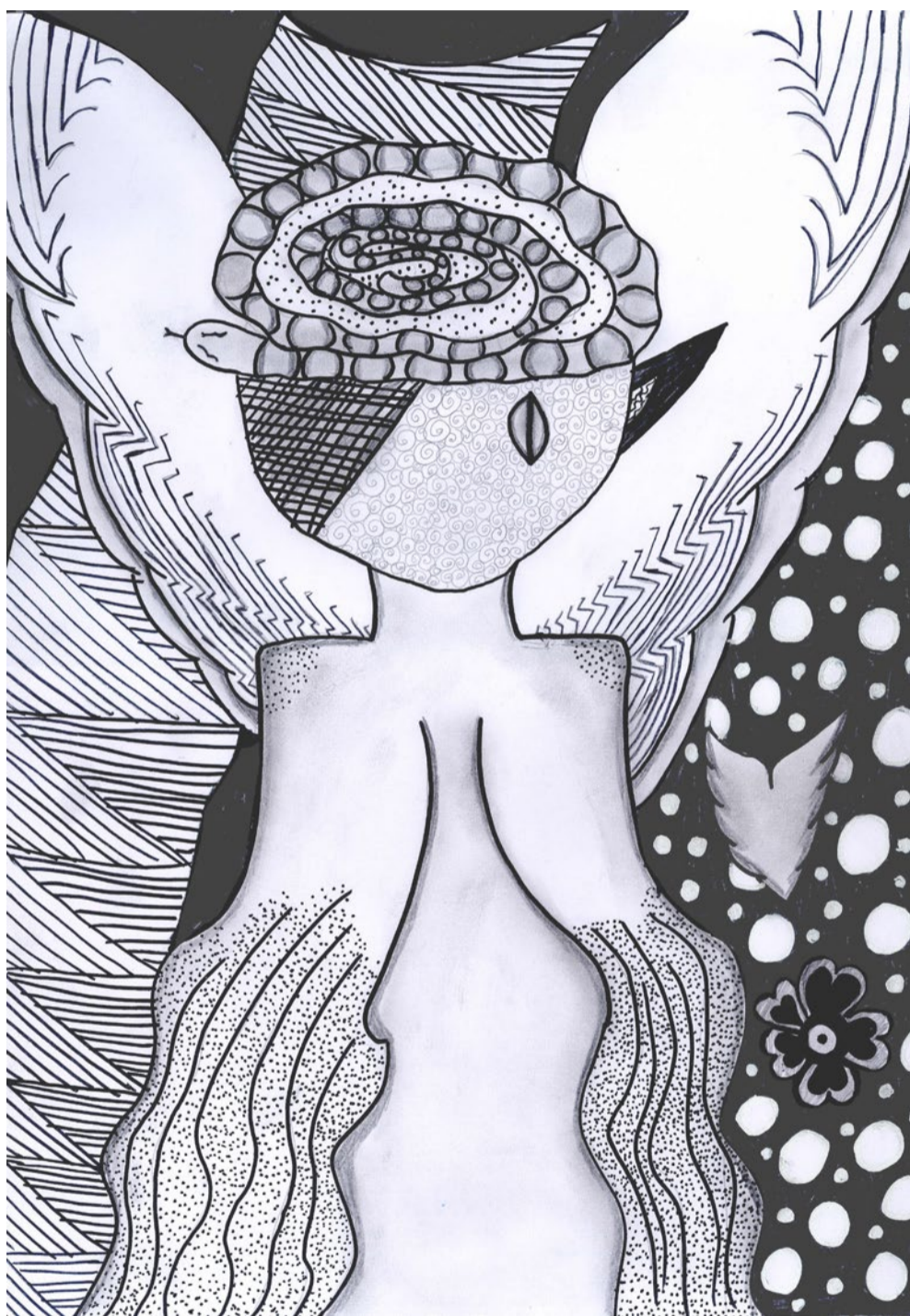
Ao apresentar os Zentangles, método de criação de lindas imagens utilizando padrões lineares, e que estimulam a atenção e a criatividade, os alunos foram orientados na utilização da técnica. A mesma foi desenvolvida em canson A3, com lápis 6B para luz e sombra e ou caneta hidrográfica para criação de padrões.

No trabalho do aluno Felipe Murad Tedde do 7ºA, vemos um desenho feito com lápis 6B rico em detalhes e com uma criação quase que espontânea. Felipe trabalha com algumas técnicas estudadas no bimestre, como a perspectiva por exemplo, e consegue um equilíbrio em sua composição com o uso do claro e escuro. Podemos também notar, além dos padrões, um equilíbrio no uso de linhas curvas e linhas retas.





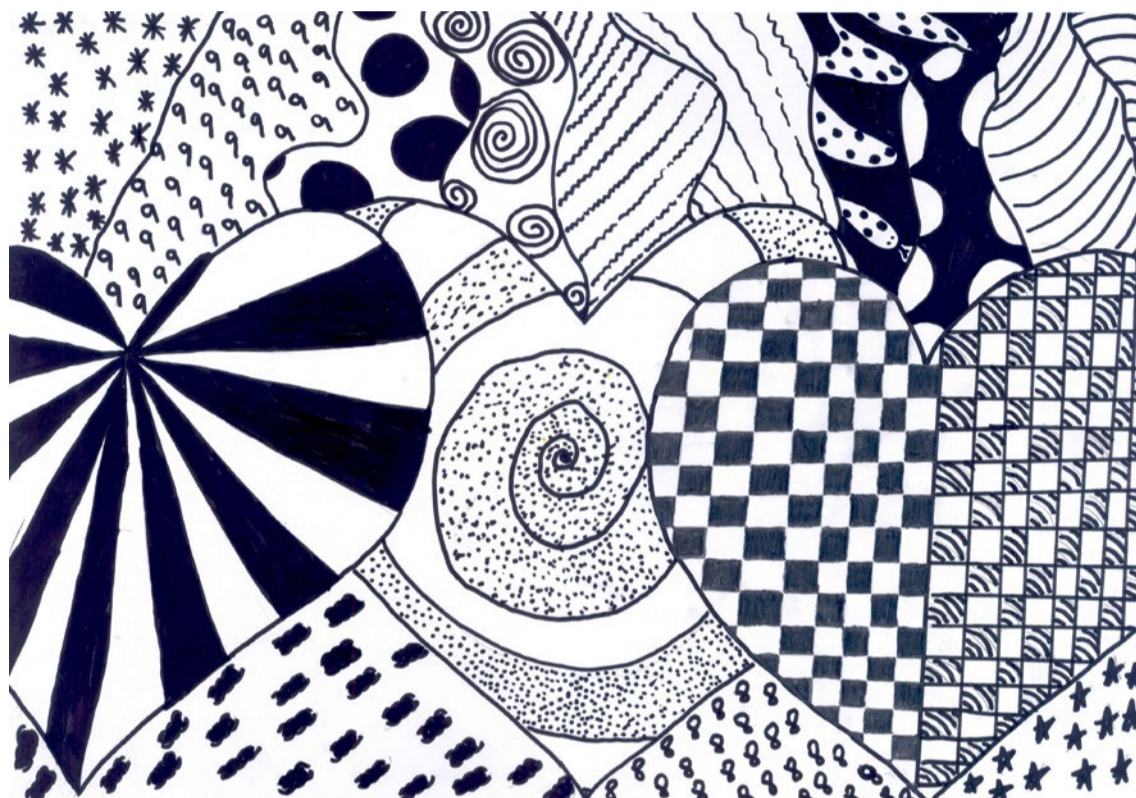
galeria de artes



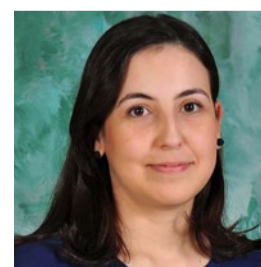
A aluna Beatriz Bernardoni do 7ºA, cria uma composição onde tem como ponto de partida uma figura central assimétrica. A partir desta figura Beatriz cria padrões com lápis 6ºB e caneta hidrográfica, conseguindo uma variação de tons e um trabalho de luz e sombra muito bonito. Seu desenho fica ainda mais rico quando ela trabalha com o preenchimento de fundo em algumas áreas, dando destaque a figura.



galeria de artes



O trabalho da aluna Lívia Fornari Laurindo do 7ºB, destaca-se pelos padrões criados para sua composição. Apesar de não trabalhar com luz e sombra e nem apropriar-se da perspectiva, Lívia consegue um preenchimento de seu suporte de trabalho apenas utilizando os padrões, sendo esses padrões construídos ao fundo apenas com linhas curvas, deixando as linhas retas para os dois corações desenhados nas extremidades do suporte. Lívia, assim como o aluno Felipe, também consegue equilíbrio com o uso de claro e escuro em seu trabalho, e não destacando o coração central, dá movimento à sua composição descentralizando a visão do espectador.



PROFª. VANESSA DOS SANTOS RODRIGUES NAVARRO
Professora de Artes do Colégio Cristo Rei

galeria de artes



Arte e Cartografia Cartografia e Arte

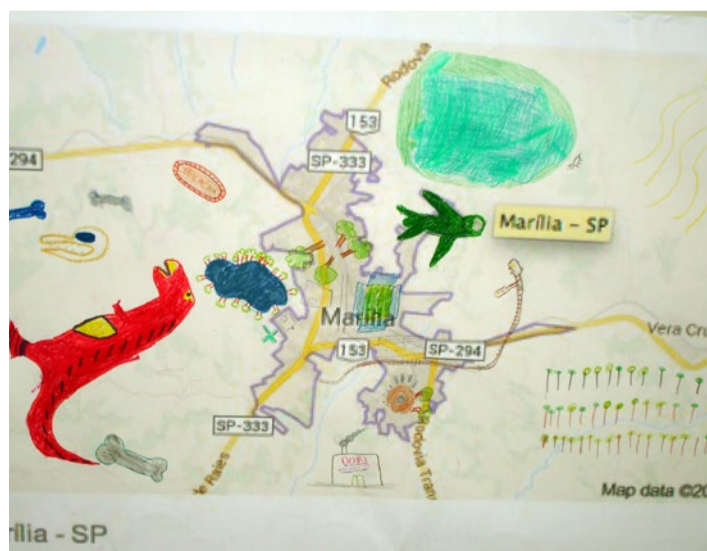
A Cartografia reflete as preocupações do homem com o espaço que o cerca – tanto o espaço próximo quanto o espaço distante. Preocupações essas concretas e objetivas, ligadas por exemplo, à segurança e à administração.

Reconhecendo a diferença entre os mapas e os territórios abre-se espaço para interpretação e permite-se diferentes graus de precisão de representação. Neste sentido, apresentam-se os mapas artísticos que podem captar questões que cartógrafos e seus mapas “científicos” nunca descreverão. Isto é o que faz dos mapas produtos tão intrigantes: eles comunicam diferentes visões do nosso mundo e nos ajudam a entender sua complexidade.

Uma das idealizadoras da arte pela cartografia é a artista francesa Sabine Réthoré, que sintetiza muito bem o conceito dos mapas artísticos na frase a seguir: “Este mundo é feito para o prazer dos olhos. Eu queria criar um objeto que daria uma ideia do que um astronauta possa sentir após uma viagem de alguns meses sem gravidade, sem sorvete de morango, sem carinho ou descendentes.”

Sendo assim, foi desenvolvido com os alunos dos 8ºs anos, na disciplina de Arte e Música, a representação da nossa cidade, Marília, por meio do mapa (Google Maps), destacando quais os pontos que mais a retrata, além de apresentar um pouco do seu passado.

Os alunos desenharam, de forma coletiva e colaborativa, os ambientes e as figuras que mais simbolizam a nossa cidade e sua história.





galeria de artes

Lenda Urbana

Lendas urbanas, mitos urbanos ou lendas contemporâneas são pequenas histórias de caráter fabuloso ou sensacionalista, amplamente divulgadas de forma oral, por e-mails ou pela imprensa e que constituem um tipo de folclore moderno. São frequentemente narradas como sendo fatos acontecidos a um "amigo de um amigo" ou de conhecimento público.

Muitas delas já são bastante antigas, tendo sofrido apenas pequenas alterações ao longo dos anos. É o caso, por exemplo, da história da loira do banheiro: lenda urbana brasileira que fala sobre o fantasma de uma garota jovem de pele muito branca e cabelos loiros que costuma ser avistada em banheiros, local onde teria se suicidado ou, em outras versões, sido assassinada.

Outras dessas histórias têm origem mais recente, como as que dão conta de homens seduzidos e drogados em espaços de diversão noturna que, ao acordarem no dia seguinte, descobrem que tiveram um de seus rins cirurgicamente extraído por uma quadrilha especializada na venda de órgãos humanos para transplante. Parafraseando William Shakespeare: "Há mais mistérios entre o céu e a terra, do que toda a nossa vã filosofia".

Visando divulgar a cultura da cidade de Marília foi proposto aos alunos dos 9ºs anos, pesquisas e representações através de desenhos das nossas lendas urbanas mais conhe-

cidas. As escolhidas foram:

- A história do Pé de Veludo, um assaltante de residências nos anos de 1960. Ele morreu assassinado por policiais da época, mas até hoje é tido como um milagreiro das causas impossíveis, por tirar dos ricos e dar aos pobres.





galeria de artes

- O Menino do Piano, que morreu muito jovem, de causa desconhecida. Ele ficou famoso por ter o túmulo em forma de piano em cauda e muitos dizem que o local exala um perfume de rosas e uma linda melodia.



- A Noiva de Marília, que ao ir para o casamento em Ourinhos, morreu vestida de noiva na serra entre Marília e Ocaçu. Diz a lenda que até hoje ela vem assombrar os transeuntes dessa estrada, acreditando estar viva a caminho do casamento.



LUCIRENE ANDREA CATINI LANZI
Professora artes e música - 8º e 9º anos

redações

de alunos



34 Dúvidas

João Victor Marengone Altizani e Igor D'Araújo M. Porreo Brandão
Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental

35 O verdadeiro amor

Lucas Gimenes Benez e Gabriel Eidi Senzaki - Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental

38 UFPR - Processo Seletivo 2014

João Pedro Zaidel Netto - Aluno da 1ª série do Ensino Médio

40 Questão discursiva 04 - Curto, logo existo

Brunno Colombani B. Luengo - Aluno da 1ª série do Ensino Médio

42 Questão discursiva 05 - Sem tempo para as Palavras

Marcos Del Masso Fairbanks - Aluno da 1ª série do Ensino Médio



redações de alunos

PROPOSTA DE TEXTO

Com base nesta definição, redija um poema de amor.

Poema é uma obra literária que pertence ao âmbito da poesia. O texto pode ser apresentado ou redigido sob a forma de verso e estrofes.

DÚVIDAS

*De onde venho?
Quem sou?
Como me chamo?
Onde estou?*

*Não me lembro de quase nada,
Só do nome de minha amada.
E é por ela que hoje
Minha alma sofre calada.*

*Ainda sinto seu cheiro,
sua pele, seu toque,
e suave enleio.*

*Ando vagando à procura dela
para estar com ela nem que seja,
mais uma vez nessa loucura.*

*Se encontrasse a lâmpada do Aladim,
Meus três pedidos seriam assim:
a volta dela, ela me levar,
e o nosso amor não ter fim.*



João Victor Marengone Altizani
Igor D'Araújo M. Porreo Brandão
Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental



redações de alunos

O VERDADEIRO AMOR

*O amor é uma coisa louca,
que não se define, apenas,
em sexo e beijo na boca.*

*O verdadeiro valor do amor
não está, apenas, em palavras ditas
e em objetos que, na verdade,
só têm valor para os infelizes.*

*Quem não conhece esse sentimento,
não sabe quão querido e valioso
pode ser o verdadeiro amor.*

*Porém, os que já o conhecem,
e por ele vivem e padecem,
jamais se esquecem, mesmo
quando seu amor vai embora.*

Lucas Gimenes Benez
Gabriel Eidi Senzaki
Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental



COMENTÁRIO DA PROFESSORA

O destaque destes poemas é a utilização adequada dos componentes estruturais da linguagem poética (verso, estrofe e algumas tentativas de rima), que dá ao texto grande efeito expressivo e articula as ideias numa sequência lógica e coerente. Com este recurso, observamos que os autores traduziram, de modo eficiente e até com certo lirismo expressivo, o que é o amor. É interessante considerar, também, a maturidade desses alunos ao abordar este tema de forma tão sensível e poética, citando, inclusive, suas emoções e possíveis "conflitos" ligados a esse sentimento.



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA



redações de alunos

Introdução

A UFPR - Universidade Federal do Paraná - é conhecida por ter um dos mais exigentes processos seletivos dentre as universidades federais. A 1ª Fase é composta de 80 questões de conhecimento geral (Matemática, Física, Química, Biologia, História, Português, Geografia e Língua Estrangeira Moderna) e a 2ª é dividida em duas etapas: Compreensão e Produção de Textos e Provas Específicas, com disciplinas variáveis conforme o curso desejado.

Diferentemente de várias instituições, essa instituição, há alguns anos, optou por substituir a tradicional redação de 25 linhas de caráter dissertativo (modelo ENEM, FUVEST, UNESP) por 5 propostas mais curtas, porém, mais complexas e abrangentes quanto ao tema, à flexibilidade de gênero e ao conhecimento de mundo do candidato, o que torna o exame mais rigoroso e seletivo. Soma-se a isso o fato de cursos tradicionais (Direito, Psicologia) terem na 2ª Fase uma prova específica de Filosofia, o que, com exceção de algumas universidades mineiras (UFU, UFMG), praticamente não é cobrado em outra instituição no Brasil — reiterando a seletividade supracitada.

Os alunos do primeiro ano do Ensino Médio, em nossa oficina de redação, tiveram acesso à prova de redação do Vestibular UFPR 2013/2014. Nela há cinco questões discursivas, que, somadas, totalizam 60 pontos. Internet, mídias sociais e extinção da palavra foram os principais temas dessa segunda fase, a qual apresentou uma charge da Mafalda, um infográfico sobre o uso da internet no Brasil, uma entrevista com o cineasta Kleber Mendonça Filho, um texto sobre o Facebook e outros dois sobre a palavra escrita.

De acordo com a banca avaliadora dessa instituição, a redação deve ser redigida de acordo com a fidelidade proposta na questão, visando à organização global e coerência do texto; ao uso adequado de recursos coesivos; ao domínio da língua culta contemporânea, além de uso de vocabulário adequado; ao domínio de estruturas sintáticas próprias da escrita, bem como dos sinais de pontuação, tendo em vista um máximo de clareza e precisão, além de legibilidade do texto e respeito às normas ortográficas em vigor.

Mais uma vez, a prova de Compreensão e Produção de Texto dessa instituição consolidou a tônica de selecionar o candidato que se diferencie pelo domínio de leitura e capacidade de expressar sua opinião por meio da escrita, em diferentes gêneros, sem distorcer opiniões alheias.





redações de alunos

PROPOSTA DE TEXTO

Veja, a seguir, textos dessa proposta produzidos por alunos da 1ª série do Ensino Médio.



PROCESSO SELETIVO 2014

01/12/2013





redações de alunos

Tomando como ponto de partida o infográfico acima, escreva um texto informativo sobre o uso da internet no Brasil em 2010. Seu texto deve:

- Selecionar as informações que você achar relevantes (a escolha é sua);
- Reunir as informações selecionadas num todo coeso;
- Citar a fonte;
- Ter entre 10 e 12 linhas.

De acordo com pesquisas realizadas pelo site ojornalista.com, em 2010, de 190 milhões de habitantes, mais de 81,3 usam a internet. Apesar de a televisão ainda ser o meio mais utilizado para obtenção de informações, o uso da rede está crescendo e tende a ultrapassar a TV, já que 60% dos telespectadores afirmaram ter trocado a tevê pela internet. Os locais mais utilizados para as pessoas acessarem a rede são lan houses e residências dos internautas. Em geral, jovens de 12 a 15 anos são os que mais utilizam este meio, mas a maioria das pessoas afirmou que costuma utilizá-lo, em média, por cerca de três horas ao dia. Como mais de 93% da população que utiliza a rede para obter informações diárias disseram sentir-se bem informadas, pode-se concluir que são inegáveis os benefícios e as facilidades que a internet proporciona, já que por meio dela é possível obter maior acesso a diversos tipos de informações.

João Pedro Zaidel Netto
Aluno da 1ª série do Ensino Médio



COMENTÁRIO DA PROFESSORA

Esta redação obedece às instruções contidas na proposta (seleção de informações relevantes, organização de ideias em um texto coeso e citação de referência) e praticamente não apresenta desvios no que se refere à norma culta. Além de atender prontamente ao enunciado, esse aluno apresenta um texto adequado ao gênero informativo, bem dosado de informações, o que torna a redação equilibrada e bem encadeada. Enfim, como está coesa e atende perfeitamente ao que foi proposto pela instituição, pode ser considerada acima da média.



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA



redações de alunos

PROPOSTA DE TEXTO 

QUESTÃO DISCURSIVA 04

Curto, logo existo

Com a evolução e o aumento de usuários e da importância das redes sociais, o nome e a fotografia de cada pessoa passaram a funcionar como o substituto do sujeito. O "eu" real se esvaziou para dar lugar ao "perfil". O filósofo francês René Descartes estabeleceu um novo modelo de pensamento no século XVII, ao formular em latim a seguinte proposição: "Penso, logo existo" (Cogito, ergo sum). Era uma forma de demonstrar que aquele que existe raciocina e, por conseguinte, põe em xeque o mundo que o cerca. A dúvida científica substituiu a certeza religiosa. Hoje, Descartes se reviraria no seu túmulo em Estocolmo, caso pudesse observar o que se passa na cabeça dos seres humanos. "Curto, logo existo" (Amo, ergo sum) parece ser a nova atitude lógica popularizada pelo Facebook. A dúvida científica cedeu espaço à presunção tecnológica.

*Melhor ainda é a formulação da jornalista americana Nancy Jo Sales no livro *BlingRing – a gangue de Hollywood: a dúvida sobre a existência do ego deu lugar, na cultura do ultracconsumismo e das celebridades, a um outro tipo de pergunta: "Se poste algo no Facebook e ninguém curtiu, eu existo?"**

A resposta é: provavelmente não. Eu existo se meus tuítes não são comentados nem retuitados? Claro que não. E se são curtidos e retuitados, tampouco! Ninguém existe nas redes sociais senão como representações, que estão ali no lugar dos indivíduos. Não há uma transparência ou uma continuidade natural entre o que somos de fato e o que queremos ser nas redes sociais. Isso parece óbvio, mas não o é para muita gente. Agora as pessoas reais guardam uma alta concentração de nada nos cérebros, pois preferem jogar tudo o que pensam e sentem via suas representações nas redes sociais. Elas se tornam ocas para rechear de signos seus perfis. O verdadeiro eu migrou do mundo off-line para o online.

É óbvio que os signos na internet podem enganar, mentir e insidiosamente simular um alter ego digital. Os vigaristas e falsários pululam alegremente com suas máscaras nas redes sociais. Quando alguém me "curte" ou "não curte", está agindo com sinceridade na mensagem ou quer agradar e parecer inteligente? Nesse sentido, se o eu do Facebook quiser se sentir mais vivo com o número de pessoas que o curtiram, estará caindo em uma armadilha. Pois ele não é o que é nem quem curte é o que parece ser. Mesmo quando a boa-fé existe, ela deixa de o ser porque nada se mantém estável no ambiente da "curtição" do Facebook. [...]

(Luís Antonio Guiron, *Época*, 01 ago. 2013)



redações de alunos

Escreva um resumo do texto acima, com 10 linhas no máximo. Em seu texto, você deve:

- apresentar o ponto de vista do autor e os argumentos que ela utiliza para justificá-lo;
- escrever com suas próprias palavras, sem copiar enunciados do autor;
- mencionar no corpo do resumo o autor e a fonte do texto.

Segundo o escritor Luís Antonio Guiron, em um texto veiculado pela revista *Época*, com a importância das redes sociais, a evolução e o aumento de usuários, o perfil de cada pessoa passou a funcionar como o próprio sujeito. O "eu" real passou a dar lugar ao "eu" virtual, fazendo com que o pensamento do filósofo francês René Descartes "Penso, logo existo" se tornasse "Curto, logo existo". Pelo fato de as pessoas, quando estão conectadas a uma rede, passarem grande parte de seu tempo sem buscar conhecimento e se ocuparem, apenas, com assuntos banais e exibições esdrúxulas, o uso frequente deste meio, além de desligar o sujeito do mundo real, provoca outros prejuízos, como transformar a dúvida científica em presunção tecnológica. Neste ambiente de "Curto, logo existo", pessoas trocaram o off-line pelo online, passando a se preocupar mais com vidas virtuais que reais. Essas pessoas, por sentirem-se mais vivas a partir do número de pessoas que as curtiram, poderão estar caindo em uma armadilha, já que elas não são o que são e nem quem curte é o que parece ser. Enfim, para Guiron, nem sempre há uma transparência ou uma intenção natural entre o que se é, de fato, e o que se quer ser nas redes sociais.

Brunno Colombani B. Luengo
Aluno da 1ª série do Ensino Médio



COMENTÁRIO DA PROFESSORA

O autor construiu adequadamente um texto no gênero resumo, apoiando-se no texto "Curto, logo existo", de Luís Antonio Guiron. Nessa proposta, é interessante observar que esse aluno, além de observar critérios do enunciado, como apresentar fonte, nome e ponto de vista do autor, sintetizou a ideia central, bem como citou principais argumentos para justificá-la. Tendo em vista que o resumo exige uma leitura atenta e interpretativa, observa-se que esse aluno atendeu aos recursos exigidos para esse gênero, como usou adequadamente a terceira pessoa e não acrescentou informações. Parabéns!



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA



redações de alunos

PROPOSTA DE TEXTO 

QUESTÃO DISCURSIVA 

Sem Tempo para as Palavras

Texto 1:

O tempo da comunicação por e-mails e mensagens de texto pode, em breve, ficar tão ultrapassado quanto o das cartas manuscritas enviadas pelo correio tradicional ou o das conversas ao telefone. E o longo post de 140 caracteres no Twitter? Esqueça! Estamos nos aproximando do dia em que tudo será dito com imagens, segundo o New York Times. "As fotos estão rapidamente se convertendo em um tipo de diálogo inteiramente novo", escreveu Nick Bilton no jornal. "A turma de vanguarda está descobrindo que se comunicar com uma simples imagem, quer seja uma foto do que vai haver para o jantar ou uma imagem de uma placa de rua indicando ao amigo 'Ei, estou esperando por você aqui', é mais fácil que se dar ao trabalho de usar as palavras."

No passado, álbuns de fotos de família ocupavam espaço em estantes, repletos de imagens de casamentos, formaturas, férias memoráveis e poses desajeitadas em volta da árvore de Natal. Agora, com o clicar de um botão, podemos postar uma foto online, poupando-nos do trabalho de usar nossos dedos ou de digitar com os polegares num teclado pequeno. "Este é um momento divisor de águas. Estamos nos afastando da fotografia como maneira de registrar ou armazenar um momento passado e convertendo -a num meio de comunicação", disse ao NYT Robin Kelsey, professor de fotografia da Universidade de Harvard. [...]

(Tom Brady, Observatório da Imprensa, 23/07/2013.)

Texto 2:

Procura da Poesia

Penetra surdamente no reino das palavras.

Lá estão os poemas que esperam ser escritos.

Estão paralisados, mas não há desespero, há calma e frescura na superfície intata.

Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.

Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.

Tem paciência se obscuros. Calma, se te provocam.

Espera que cada um se realize e consume

com seu poder de palavra e seu poder de silêncio.

Não forces o poema a desprender-se do limbo.

Não colhas no chão o poema que se perdeu.

Não adules o poema. Aceita-o como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada no espaço.

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra

e te pergunta, sem interesse pela resposta,

pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

[...]

(Tom Brady, Observatório da Imprensa, 23/07/2013.)



redações de alunos

Confronte os textos 1 e 2 e dê sua opinião sobre a utilização da palavra escrita: que prognósticos podemos fazer quanto ao seu uso na comunicação e na vida em geral?

Seu texto deve:

- Apresentar uma opinião clara sobre o assunto e argumentos para sustentá-la, pautados nos textos;
- Ter entre 10 e 12 linhas.

A beleza das imagens ou o sentimento das palavras? Há quem prefira imagens. Algumas pessoas acreditam que elas substituirão as palavras futuramente. Será possível? Creio que não! As imagens sinalizam, mas são as palavras escritas que comunicam. Ora, quando lemos um texto não verbal, deixamos de perceber suas reais intenções quando, apenas, admiramos imagens. Muitas vezes, apenas deduzimos. Um poema costuma tocar mais profundamente que uma tela. Uma cena de filme, sem palavras ditas, apenas sugere, mas jamais causa aquele arrepio que, geralmente, sentimos quando ouvimos a poesia das falas. Portanto, não basta só a imagem. As palavras emocionam, tocam, aprofundam e esclarecem melhor um determinado assunto. Por isso, creio que elas estarão sempre presente, afinal, o que os olhos não leem, o coração não sente!

Marcos Del Masso Fairbanks
Aluno da 1ª série do Ensino Médio



COMENTÁRIO DA PROFESSORA

Nesse texto, observamos que a condução da argumentação baseada no confronto entre "A beleza das imagens ou o sentimento das palavras?" e os exemplos citados para sustentá-la revelam perspicácia, bastante experiência e certa intimidade do autor com as formas de comunicação contemporâneas. Ademais, esse aluno foi brilhante ao defender sua opinião sobre a permanência da palavra e apontar claramente a diferença entre as duas situações de comunicação - leitura de imagem e de palavra - e, mais ainda, ao utilizar a expressão popular "o que os olhos não leem, o coração não sente" para fechar o seu texto.



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA

Revista inovar

